

5

Conclusão

Procuramos agora ver se nossa *hipótese inicial* pode ser aceita. Perguntamos *se o fenômeno da simpatia, como apresentado dentro do pensamento de Max Scheler, pode ter sua fundamentação na intersubjetividade tal como procuramos identificá-la no pensamento kantiano.*

Para isso, apresentamos o pensamento de Scheler em seu universo conceitual próprio, enfrentando dificuldades de não haver uma sistematização rigorosa feita pelo próprio filósofo. Depois apresentamos o fenômeno da simpatia como parte integrante desse universo conceitual de Scheler e chamamos atenção para o fato de que só é possível fundamentar a simpatia no conceito de intersubjetividade.

Buscamos, por sua vez, encontrar no pensamento de Kant conceitos que nos levassem a formar o conceito de intersubjetividade, para tentar fundamentar a simpatia. Assim o fizemos porque sabemos que Scheler se afastou, em certa medida, da fundamentação da intersubjetividade feita por Husserl. Vimos que se pode encontrar em Kant um conceito de intersubjetividade possibilitado pelo juízo reflexivo.

Os juízos reflexivos, apresentados na *Crítica da faculdade do juízo*, possibilitam a formação de conceitos que não seriam possíveis só com o modelo dos juízos determinantes das outras duas críticas, pois os conceitos dados, que tornam possíveis os juízos determinantes, são distintos daqueles (conceitos) formados a partir do juízo reflexivo. Finalmente, pudemos estabelecer um relação entre os pensamentos de Scheler e de Kant no que diz respeito à simpatia e à intersubjetividade, na tentativa de confirmar nossa hipótese inicial.

Assim, vimos que Scheler desejou uma compreensão do *homem enquanto homem* que abarcasse todas as suas possibilidades, a saber: (1) o homem que produz algo porque possui um saber de dominação e pode ser pensado através da imagem de um cientista, (2) o homem que pensa a unidade da multiplicidade porque possui um saber das essências, que permitem ver os aspectos gerais das coisas e, assim, pode ser um ente cultural. Esse homem pode ser pensado através da figura do filósofo e do artista – enquanto esse último realiza uma ação cultural.

Por fim, há também o (3) homem que pensa nos fins últimos de sua própria existência porque possui um saber de salvação ou metafísico. O homem “metafísico” é aquele busca através da compreensão das essências um sentido para sua existência, ou seja, ele busca unificar a mundo consigo mesmo. Por isso ele pode ser identificado com a figura do teólogo, que coloca sua própria relação intrapessoal com o princípio primeiro de todas as coisas, ou seja, com o Ser.

Esse homem é meta-antropológico, pois somente terá acesso ao sentido buscado caso ele parta de suas próprias condições humanas, ou melhor, somente se ele conseguir transcender suas próprias condições, poderá ser meta-antropológico.

Scheler se propõe a tratar não somente de uma teoria do conhecimento ou de uma ética, mas sobretudo unificar a corpo de vivências humanas num saber de salvação. Para realizar esta empresa, ele pressupõe a existência do Ser ou realidade dada ao homem enquanto princípio de todas as coisas. Esses princípios são as esferas do ser, ou seja, meios que a realidade se apresenta ao homem. Por isso, podemos pensar junto a Scheler que, para o homem, o Ser ou realidade é apresentado de diversas formas e estudado sob diversos aspectos.

Mas como ter acesso ao ser? Scheler responde essa pergunta através de um estudo sobre o homem, que é compreendido como um ente entre mundos distintos: o mundo do absoluto e do relativo, do espírito (razão) e da emoção puros, do orgânico e do inorgânico, do corpo próprio e do corpo alheio, do mundo circundante e do mundo total e do mundo intrapessoal e do mundo inter-humano.

Interessou-nos na dissertação investigar esse mundo inter-humano (*Mitwelt*), porque a simpatia acontece justamente nessa realidade apresentada ao homem. Porém, tal realidade não está isolada das outras esferas do ser porque elas pressupõem uma unidade, dado que cada esfera é irreduzível a outra e está unida a cada uma.

Por sua vez, o mundo inter-humano está unido ao mundo intrapessoal, dado que é composto de dois ou mais mundos intrapessoais que se comunicam. Num primeiro momento, precisamos entender como funciona o mundo intrapessoal para compreender o mundo comunitário (inter-humano).

No mundo intrapessoal analisamos o homem, em suas diversas faces. O homem tem uma percepção do Ser. Essa percepção pode ser corpórea, caso se limite aos órgãos dos sentidos ou vital, se limitada ao corpo em geral. A

percepção vital não está localizada num órgão específico (por exemplo, o sentimento de fadiga corporal, pois esse está no corpo próprio do vivente, mas não se reduz a nenhum órgão em particular). Essas duas formas de percepção dizem respeito exclusivamente ao corpo próprio. Todavia, existem outras formas de percepção que além do corpo próprio, estão unidas à faculdade do espírito. Elas são a percepção psíquica e a espiritual.

A percepção psíquica está unida à vida emocional pura, isto é, ao complexo de sentimentos puros, que são intuídos dos conteúdos intencionais de uma vivência particular próxima a nossa. A percepção espiritual é dada pelo próprio ato do espírito, ou seja, a ideação das essências das coisas, que são intuídas pelo sujeito através pela sensibilidade na experiência e elevadas ao nível de universal pelo espírito.

Por sua vez, a simpatia é a participação “pessoal” (no sentido do conceito de pessoa de Scheler) nos sentimentos puros do outro sem que haja perda do eu individual (caso contrário, é o que Scheler entende por empatia, quer dizer, uma fusão emotiva dos eus particulares, ou ainda um contágio afetivo, como aquele presente no movimento de massa). A simpatia só pode acontecer quando se trata de uma forma de percepção psíquica, que é pura, pois se localiza na vida emocional pura. Não é possível ter simpatia na vida do corpo próprio porque os corpos daqueles que simpatizam com algo ou com os outros são distintos.

Eis uma outra exigência da simpatia: o reconhecer o outro enquanto outro, na sua corporalidade e em sua essência. Ao simpatizar, as intenções se direcionam ao sentimento puro alheio, e o outro, justamente por simpatizar, também faz o mesmo, direcionando suas intenções ao primeiro. É o que Scheler chama de caráter reflexivo da simpatia.

Emerge uma questão: se a simpatia é uma forma de relação entre pessoas, e isto implica que é uma relação da vida emotiva pura, é necessário haver uma intersubjetividade que garanta à simpatia o caráter de universalidade.

Ao pensarmos a intersubjetividade para a vida emocional pura voltamos para Kant. Na “revolução copernicana” proposta por Kant na *Crítica da razão pura* podemos perceber a importância da subjetividade para esse filósofo e na *Crítica da faculdade do juízo* constatamos a possibilidade de um conceito de intersubjetividade com caráter de universalidade.

A partir da leitura da introdução da terceira crítica kantiana vemos que há dois tipos de juízos: o determinante e o reflexivo. O juízo determinante é próprio do ato de conhecer, porque o universal já se encontra dado. Ao intuirmos algo pelas formas puras da sensibilidade (espaço e tempo) unimos esse dado aos conceitos, que são dados pelo entendimento. Existem, no entanto, elementos que são causados no sujeito por uma representação. Os juízos reflexivos são aqueles que podem abordar esse sentimento de prazer e desprazer. Esses juízos reflexivos são o fundamento do juízo estético de reflexão (dado que envolve uma relação do sujeito com a representação), ou seja, o juízo estético sobre o belo. Os juízos reflexivos garantem a universalidade do juízo estético sobre um sentimento de prazer ou desprazer porque levam em conta faculdades subjetivas comuns a todos os sujeitos. O fato de elas serem comuns a todos, implica numa pretensão de validade universal. Assim, podemos falar de um conceito de intersubjetividade *a priori* na *Crítica da faculdade do juízo*.

Por último, coube-nos perguntar quais seriam esses elementos subjetivos que garantem ao juízo reflexivo uma pretensão à universalidade. A sensibilidade, a imaginação e o entendimento são as faculdades subjetivas transcendentais que possibilitam ao sujeito um conceito de intersubjetividade através do juízo reflexivo.

Na sensibilidade temos acesso ao múltiplo e a ela está ligada a imaginação que produz uma “representação” do múltiplo dado. Essa “imagem” somente é possível porque a faculdade da imaginação atua em função dos conceitos do entendimento e, por isso, as representações podem ter validade objetiva. Essas fontes subjetivas são originárias, ou seja, localizam-se no sujeito e são constituintes do ato de conhecer e da decisão da ação. Além disso, é o livre atuar do entendimento com as outras faculdades subjetivas que garante o *a priori* do juízo reflexivo, dado que esse busca encontrar um conceito (que ainda não foi dado) numa representação.

Nesse momento, podemos tecer algumas relações entre os elementos subjetivos em Scheler e em Kant, alcançando o objetivo da dissertação.

O juízo reflexivo permite pensar uma comunicabilidade universal porque possui um caráter intersubjetivo. Ao buscarmos uma relação entre os elementos subjetivos em Scheler e em Kant, vemos que na simpatia essa comunicabilidade não é universal no sentido de que a executamos, de modo absoluto, para todas as

peças como no juízo reflexivo sobre o belo, mas universal para todas as pessoas que elegemos para compartilhar tal ato emotivo¹. O ato de eleger implica em dois atos: um cognitivo (o conhecer o outro) e um emocional (intuir a partir do outro sentimentos semelhantes aos nossos).

Há, assim, certa semelhança entre essa comunicabilidade universal de Kant e a simpatia em Scheler, pois ambas dizem respeito ao prazer e à dor (desprazer). Entretanto, em relação à simpatia, essa comunicabilidade é restrita ao ato de eleição do indivíduo.

Ainda sobre esse aspecto da comunicabilidade universal, podemos dizer que se o juízo reflexivo sobre o belo não pudesse ser comunicado aos outros, não haveria universalidade na apreciação do belo, nem a esperança de concordância; se o juízo do belo fosse objetivo, não haveria mais beleza, dado que a beleza somente tem sentido na sua relação com o sujeito, ou melhor, na relação entre sujeito e sua representação. Do mesmo modo, se não houvesse comunicabilidade na simpatia, não haveria complacência em tal fenômeno; se a simpatia fosse um fenômeno objetivo, ela não existiria, porque seu sentido está em ser intencional e reflexiva (e não um compreender enquanto ação cognoscitiva, que Scheler refuta na sua crítica às teorias genéticas da simpatia).

Por ser intencional e reflexiva, a simpatia pode ser compreendida como uma ação originária do sujeito, um aspecto potencial do homem. Nessa mesma linha de pensamento, podemos compreender a intersubjetividade como um elemento originário, subjetivo, que é condição de possibilidade para a simpatia e que possui sua origem no sujeito e sua condição de possibilidade nos elementos subjetivos assinalados.

Em relação à simpatia, é necessário que o outro também nos seja dado na intuição da sensibilidade pelos sentidos – exclusivamente enquanto objeto de conhecimento. Todavia, esse ato de conhecer o outro não é suficiente para haver simpatia, pois é distinto conhecer uma pessoa enquanto objeto do conhecimento do vivenciar algo com outro. A simpatia como fenômeno positivo da vida emotiva implica no reconhecimento do outro como algo diferente de mim, caso isso não aconteça, temos um caso de empatia. Algo semelhante acontece no pensamento

¹ Sobre eleição [*wählen*] ver capítulo 2.1.

kantiano, se nos ocupamos somente na determinação de um objeto, temos o ato de conhecer; se na complacência no belo, temos o juízo reflexivo.

Outro ponto importante para a aproximação entre os conteúdos das propostas de Scheler e de Kant é que nos sentidos internos se localizam a consciência empírica e a auto-afecção: ao simpatizar, o indivíduo não perde sua autoconsciência ainda que ele exerça a mesma ação emotiva que o outro. A auto-afecção se dá porque ao nos direcionarmos intencionalmente a alguém por meio da simpatia, esse alguém também se direciona a nós e, assim, percebemos (ao nível de uma percepção psíquica) que o outro nos afeta emocionalmente também. A origem dessa afecção do outro se encontra no próprio indivíduo e é o que chamamos anteriormente de aspecto reflexivo da simpatia. Além disso, o que garante que a consciência empírica atue dessa forma é o entendimento, que é comum a todos os sujeitos, pois ele dá o universal, possibilitando a percepção psíquica, ou seja, possibilita que se pense um ato emocional de modo universal.

Ao considerarmos o fenômeno da simpatia, a vida emotiva tem um conteúdo material de vivências através da imaginação que permite ao indivíduo preferir/recusar [*vorziehen/nachsetzen*], ou seja, atos que constituem a estrutura da vida emocional e precedem sempre o eleger [*wählen*]. Já através da “imagem”, fruto da imaginação, (e não exclusivamente do “conceito”, fruto do entendimento), podemos, na vida emotiva, preferir alguém a outros para depois elegê-lo como “amigo”. Esse processo, abordado em 2.1, pressupõe uma fonte subjetiva: a imaginação. Ela é condição de possibilidade do escolher/recusar, e esse acontecimento a partir das imagens se dá a partir de escolhas individuais. É a imaginação, portanto, que dá um conteúdo material à representação do outro como algo mais do que um corpo [*Körper*]. Não poderíamos eleger ninguém e, assim, não haveria simpatia propriamente dita, se não levássemos em conta a imaginação.

A fundamentação da simpatia encontra sua condição de possibilidade na intersubjetividade. E essa possui um aspecto *a priori* que lhe garante uma universalidade. O aspecto *a priori* são as fontes subjetivas do conhecimento, em especial, a razão (o espírito). Assim, vemos uma analogia entre os pensamentos de Kant e de Scheler. O elemento comum a ambos é a unidade do sujeito que experimenta e vivencia situações diversas e é ele próprio (o sujeito), o elo capaz de unificar, como suas, formas de vivências distintas, como o ato de conhecer e o

ato de sentir, numa unidade transcendental do próprio sujeito. Dado que os sujeitos possuem faculdades comuns a todos (faculdades transcendentais), é que pode haver universalidade tanto no conhecer (Kant) e no idear (Scheler) quanto na complacência [*Wohlgefallen, Komplazenz*²] e no prazer e no desprazer (Kant) e no simpatizar com a dor [*mitleiden*] ou com a alegria [*mitfreunden*] alheias (Scheler).

Por isso, somente devido à virada copernicana que proporcionou uma valorização da subjetividade é que se pode pensar em fundamentar a própria intersubjetividade. Conforme diz Kant, a beleza sem referência ao sentimento do sujeito não é nada³, e o mesmo poderíamos dizer da simpatia, pois um partilhar sentimentos sem referir-se aos sentimentos dos sujeitos que os compartilham, seria um *nada emocional*.

² *Komplazenz*, termo utilizado por Kant como sinônimo de *Wohlgefallen* (complacência), tem sua origem latina em *co-* (junto de) e *placere* (sentir). Trata-se da mesma etimologia de termo *mitfühlen* (simpatizar): *mit-* (com, junto a) e *fühlen* (sentir).

³ KANT, Immanuel. *Crítica da faculdade do juízo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005, p.63.